

## Entrevista com o brincante Shicó do Mamulengo<sup>i</sup>

André Carrico<sup>ii</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Carlos Eduardo Silva Xavier<sup>iii</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

DOI: <https://doi.org/10.21680/2595-4024.2022v5n2ID30903>

Resumo: Entrevista concedida pelo brincante Shicó do Mamulengo, no dia 16 de setembro de 2021. A entrevista foi realizada virtualmente, via *Google Meet*, com os pesquisadores situados em Natal/RN e o entrevistado em Assú/RN. Nela, o entrevistado apresenta informações sobre seu início na brincadeira de boneco popular, as experiências adquiridas até os dias atuais, suas dificuldades, conquistas e falhas e de como adequou a sua arte durante a pandemia da covid-19. A entrevista compôs parte do material levantado pelo projeto de pesquisa de iniciação científica *LEVANTAMENTO DE BRINCANTES DE MAMULENGO NO RIO GRANDE DO NORTE*, do bolsista PIBIC Carlos Eduardo Silva Xavier, sob orientação do Prof. Dr. André Carrico, do Departamento de Artes da UFRN.

PESQUISADOR 1: Essa entrevista faz parte do projeto mudança e permanência do mamulengo contemporâneo. E a nossa ideia, depois, é usar essas entrevistas em um banco de dados que a gente vai formatar dentro da UFRN, que vai ficar na internet, vai ficar disponibilizado para todo mundo que queira pesquisar. E quem sabe ainda faremos um grande festival de Mamulengo dentro da UFRN, que eu nunca consegui fazer por falta disso [dinheiro]...

SHICÓ: Eu gostaria de tocar num ponto que até as pessoas até me acha meio rígido a partir desse ponto que eu sempre falo. Porque sempre dizem assim: “Ah! Mamulengo, mamulengo...”, a gente não faz Mamulengo, a gente faz o brinquedo João Redondo, Calunga, ou João Redondo, que é uma ligação que tem uma influência também do Ceará que chama Calunga e eu conheci essa brincadeira como Calunga e depois vim descobrir que aqui no Rio Grande do Norte é João Redondo. Aí dizem assim: “Mas como você brinca João Redondo se seu nome é Shicó do Mamulengo?” Aí deixa eu só explicar porque: na época que eu fui fazer a pesquisa sobre a brincadeira, eu só encontrava mamulengo, porque o estado que tombou a cultura popular em primeiro lugar no Brasil, depois da Bahia, foi Pernambuco, e Pernambuco faz um brinquedo de Mamulengo. Então, no Rio Grande do Norte é muito diferente. A brincadeira do João Redondo daqui do Rio Grande do Norte, e até de outros estados, como Babau na Paraíba, é diferente do Mamulengo de Pernambuco. Por que? Porque o Mamulengo de Pernambuco é em banco. É uma casinha como uma lanchonete e tem um banco, ninguém brinca em pé. E o João Redondo da gente, a gente brinca num canto de parede, como esse aqui, com um cordão esticado em um lençol ou na tolda, que é aquela estrutura de madeira tipo um “X”, que nem um banquinho de relógio de antigamente, e o pano ao redor. E as brincadeiras do João Redondo ele conta muita piada. A gente tem um roteiro que é a família do João Redondo e a família de Baltazar, é esse o roteiro. Aí no Mamulengo não tem. No Mamulengo tem Janêro, Caroca, Catirina, tem o Mateu, que é o que fica lá de fora, que a gente não usa, a gente usa um

acompanhante que está no pandeiro, ou na sanfona ou em qualquer outro tipo de instrumento que faça acompanhamento musical. Aí a gente leva isso como o Mateus, que a gente não chama Mateus, chama “Mateu” ou Catarina que é “Catirina”, que é do boi de reis. Isso tudo está junto e é uma cultura que elas foram trazidas pelos jesuítas para catequizar os índios, e a gente tomou para a gente. Então o João Redondo foi criado dentro da senzala também. João Redondo! Não esse que os jesuítas trouxeram. O João Redondo. Ele foi criado a partir dessa visão do negro da senzala e trouxe para dentro do arraial. Então o João Redondo tem que definir muito! A gente tem um bonequeiro aqui que sempre fala “Mamulengo”: “Ah! Eu dei um boneco de Mamulengo, eu faço um boneco de Mamulengo...”, mas só que ele mesmo não fala Mamulengo, que é o Raul do Mamulengo, que é um cara extraordinário que eu conheço, eu sou fã de paixão, um trabalho bonito demais, um bonequeiro excelente, sempre falo isso. Outro é Heraldo Lins que é show de Mamulengo.

PESQUISADOR 1: É curioso não é a coisa do João Redondo que nem o Seu Felipe, ele reivindica muito dessa coisa do João Redondo. Você mesmo já acabou respondendo, foi maravilhosa a tua resposta, que você usa o nome Mamulengo. O Heraldo, os meninos do Caçuá, os meninos de Currais Novos, eles usam “*Caçuá de Mamulengo*”. Então tem essa coisa do João Redondo, mas, muita gente aqui ainda usa o nome “Mamulengo”. Interessante, né?

SHICÓ: Uma coisa interessante é porque esse nome artístico não foi eu que botei, começaram a me chamar e eu deixei, porque em 2007, quando eu fiz a homenagem no *Alto de São João* para Chico Daniel, que eu nem conhecia ele como bonequeiro, nem sabia quem era. E depois que eu resgatei na minha na minha consciência duas apresentações que eu vi ele fazendo. Eu com 8 anos, que é até perto da casa da minha avó que hoje é onde o tio de Eduardo mora. E aí a gente fez um seguinte, depois que terminou a apresentação, e que eu estava com os bonecos bem maiores, era parecido com esses bonecos aqui, a gente brincando e eu disse

assim: “Rapaz, eu acho que o que eu quero é isso, eu acho que o meu teatro é isso aí, é esse de bonecos”. Aí eu fui pesquisar, fui pesquisar, e só encontrava Mamulengo, Mamulengo... até Heraldo Lins, foi o primeiro DVD que eu comprei foi o de Heraldo Lins, que era daquele da febre aftosa que fazia na festa do boi, e eu não encontrei mais nenhum. Aí eu disse: “Não é isso que eu quero. Eu quero Chico Daniel que eu fiz a apresentação em homenagem para ele, eu quero saber quem é esse cara”. Aí eu fui atrás e só encontrava Mamulengo, Mamulengo, Mamulengo... até que um dia um cara daqui do jornal, por nome Tibério, disse assim: “Olha eu tenho um DVD de Chico Daniel que é uma entrevista dele no xeque-mate e o secretário de cultura mandou fazer uma cópia”. E eu disse: “Você tem como me arrumar?” Ele disse: “Tenho”. Aí eu fui lá, a gente fez a cópia e eu trouxe. Eu passei 3 meses em casa trancado, nem sair para nada, só para mim repetir os movimentos dele. Aí começaram a me chamar “Shicó do Mamulengo, Shicó do Mamulengo, Shicó do Mamulengo...” eu deixei, mas sabendo que antigamente minha mãe falava sempre do Calunga. Calunga, Calunga, Calunga... eu achava que era Calunga, mas eu não tinha certeza. Aí depois foi feito um levantamento e a pesquisa indica que aqui no Rio Grande do Norte é o João Redondo, mas ela tem duas vertentes: Ela tem a vertente do Calunga que é no Ceará, que é aqui perto, aqui tem o Gilberto Calungueiro, que é de Capuí, ele é calungueiro mesmo; e só que o Ceará é o Casimiro Coco, como no Piauí. Então, assim tem uma bifurcação nessa coisa que eu acho que não devia ser só João redondo, poderia ser também o Calunga. Agora tem uns estados que são específicos, como São Paulo é Briguela, que é da *commedia dell'arte*. Tem o João Minhoca que é na Bahia, tem o João Mole que é em Minas Gerais. Na Bahia, eu fui fazer apresentações perto do Rio São Francisco em Igaporã, em Caetité, Ibiassucê e Ibotirama. E lá eles falavam que tinha essa brincadeira, mas se acabou. Os velinhos mesmo assim me viram brincar na rua, na feira livre e dizia: “Quando eu era mais moço eu vi isso na feira, hoje ninguém vê mais”. Eu perguntei o nome ele não sabia dizer o nome. E então,

aqui temos os escudeiros, vamos dizer assim, que sempre bate de frente: sou eu Mestre Felipe, Tio João da Quadrilha, os meninos de Chico Daniel... que a gente não chama apresentação nem show, a gente tinha chama brinquedo! Vamos brincar, vamos fazer nosso brinquedo, porque para a gente é um brinquedo e automaticamente, eu acho, automaticamente quando você leva para ser um trabalho, como mesmo Heraldo Lins fala, “um show”, eu acho que já sai, porque é um folguedo. Então é pra brincar mesmo, para tirar uma onda com o outro, quem está na plateia entra no jogo também. Eu fico me coçando quando eu estou num lugar que o público está muito eclético e eu querendo que alguém mexeu comigo porque João Redondo tem disso, só que o Mamulengo não tem, Mamulengo segue uma regrinha e para ele mudar, só se o cara conhecer muito as pessoas, como Zé Lopes fazia, como Zé de Vina fazia, que esses são pessoas que já foram no ano passado. O Zé doido do Ceará também. Então tem muito nisso, a gente faz a brincadeira com piadas, eles fazem a brincadeira com história que tem o drama e a comédia. A gente tá sempre na comédia, a gente não faz o drama como o do Cassimiro Coco, como Babau, como o Mamulengo mesmo. A gente só faz comédia, num não faz o drama. Antes, quando se fazia isso na nas ruas, se chamava um presepeiro. Você já viu falar disso? O presépio era dos presepeiros que fazia uma brincadeira de boneco e ganhava assim o nome de presepeiro. Por que que hoje em dia quem faz piada e quem faz qualquer coisa diz assim: “Esse homem é muito presepeiro ou fulano é muito presepeiro, ou aquela mulher muito presepeira” Porque quem era do presépio, sempre tirava onda com todo mundo. Então a brincadeira do João Redondo é dentro dessa linha. É presepada, é presepeiro e presepada vem disso também. E que era presepeiro, fazia presepada. Então o boneco tem uma ligação muito mais para frente do que o que a gente pensa.

PESQUISADOR 1: Agora, interessante, você falou dos nomes porque, por exemplo, o pessoal lá do Seridó, você estava falando da Calunga, a gente entrevistou o Emanuel, ele usa muito o termo calunga. Inclusive quando ele

começou, ele se chamava “Emanoel Calungueiro”, porque ele contou pra gente que ele mudou para Emanuel Bonequeiro. E a Catarina, ela usa Catarina Calungueira. Então, realmente no Seridó usam mais o termo Calunga, né?

SHICÓ: É, eles usam o termo Calunga. Agora uma coisa que eu acho esquisito, é igual capoeira em si, ela tem suas peculiaridades e tem as coisas que não podem pode ser mexidas, como o boneco também, mas fica a critério de cada um. Hoje em dia tem capoeira gospel, tem capoeira contemporânea e tal, e no boneco tem a história quer fazer boneco reciclado, boneco de garrafa com papel, boneco de papel machê, como Emanuel Bonequeiro faz, Heraldo Lins faz. Mas o tradicional é feito de madeira, mas isso não quer dizer que a madeira que a gente usa, a gente tem que ir no mato derrubar uma árvore para fazer o boneco, não, a gente reutiliza as madeiras que caem do pé de mulungu, que é a madeira que a gente usa, ele com o tempo o galho seca automaticamente, naturalmente, cai e quem derruba é o besouro mangangá, ele fura. Então automaticamente a gente vai lá e faz esse boneco. Esse aqui é um de mulungu, é uma madeira bem porosa, e a gente usa e tem o outro que é a umburana, ele parece um sabão. Essa umburana aqui a gente não tira mais porque é proibido. Esse pedaço aqui já estou utilizando uma escultura que era um orixá que era Omolu, desmanchei o Omolu, e quando você faz um boneco de madeira, que você coloca um olho de plástico, ele perde o valor. Eu aprendi isso com uma pessoa que eu trabalhei que era Capitão e também nos festivais que eu participei do SESI bonecos do mundo, que eu vi muitas pessoas levarem bonecos para o festival, como o boneco era bonecos do mundo tradicionais e quando teve uma pessoa lá no Pernambuco, levou uns brinquedos que tinha olho de plástico, e a mulher chegou, a organizadora, Lina Rosa, não sei se conhece, é uma grande pesquisadora do Mamulengo e do boneco brasileiro tradicional, ela chegou para a menina e falou assim: "Quando você faz um boneco que você trabalha manualmente, que você faz a roupa manualmente, que você faz o rosto se inspirando em alguma imagem que você já teve ou em alguém que você

já viu fazendo, automaticamente quando você coloca uma peça industrializada, esse boneco perde totalmente o valor, porque é como se você tivesse colocado uma peça de plástico num carro de ferro”. Então, isso eu levo para toda a vida e segue uma linha que eu já venho fazendo desde quando eu faço meus bonecos. Eu não gosto de fazer bonecos e colocar olho de vidro. De vidro ainda tem um boneco que eu coloquei porque esse olho de vidro é bem antigo. Plástico eu não uso nos meus bonecos. Quando você diz assim: “Ah! Vou fazer um boneco papel machê porque eu estou ajudando, ecologicamente, o meio ambiente”, mas você esquece que você está comprando cola industrializada, ou maizena industrializada, ou papel que é celulose que se tira de madeira, tinta... antigamente se pintava com urucum, jenipapo. Eu não sei se esses outros bonequeiros que você entrevistou falou sobre isso. Usava urucum, usava jenipapo. Para fazer o preto era jenipapo, para fazer o vermelho, urucum, o amarelo era flor de mofumbo e óleo, querosene com casca de barata, que é um verniz que usava antigamente para pintar móveis em casa. Mas hoje não, hoje você vai na livraria comprar uns potinhos daqueles lá que você passa no corpo, se você passar no meu corpo, com meia hora está vermelho. Então, eu acho que para gente que são dos tradicionais, digo nem contemporâneo, porque tem uns que dizem “Ah! Você é contemporâneo”, não, eu sou atualizado! Sigo uma linha que é o tradicional. Eu não uso efeito especial no meu boneco, como muitos usam. Raul do Mamulengo, que é um cara muito mais velho que eu, ele usa LED, usa buzina... tem até uma arminha que eu faço que é de madeira, tudo em madeira. Aí está aqui é aquele negócio de sombrinha, cano de antena... isso aqui é tudo esculpido e tem muita coisa que não estão usando hoje. Catarina usa uma boneca que ela que ela faz e não é usado na brincadeira, não é aquela boneca que ela usa, é a bruxinha. Eu tenho uma, mas nem é, porque uma pessoa me deu, eu uso porque ela tem um valor sentimental para mim. Não é porque ela representa a Minelvina ou Atelvina da brincadeira, não, é porque ela tem um valor sentimental para mim, eu coloco na brincadeira. Ela é feita baseado nas bruxinhas de

antigamente, mas não é a bruxinha tradicional. E a única boneca que entra é a bruxinha tradicional e Dona Inês, que é a mãe de Baltazar, que é o cabelo dela, é feito com couro de bode ou com um pano preto e é uma negra também. Eu sou um cara que eu sempre sou muito polêmico onde eu vou debater a respeito dessas coisas, tanto em poesia, tanto no boneco, tanto na capoeira, nas coisas que eu mexo eu tenho essa preocupação de estar sempre de acordo com os antigos.

PESQUISADOR 1: Você é capoeirista, Shicó?

SHICÓ: Sou. Sou contramestre de capoeira.

PESQUISADOR 2: Você falou sobre o assunto de capoeira, eu tenho uma pergunta que é assim: na sua brincadeira de João Redondo, se você faz alguma mistura, associação, algum vínculo entre a sua prática de capoeira, como contramestre na Cordão de Ouro e o brinquedo de João Redondo? Se na dramaturgia, construção de alguns personagens... qual é a ligação que você faz com a capoeira e a brincadeira de João Redondo?

SHICÓ: Eu sou convidado muito para fazer a brincadeira nos eventos de capoeira. Como eu sempre estou presente nos eventos do grupo, o mestre sempre me coloca para eu fazer a brincadeira. E eu tenho um boneco que é o macumbeiro e o maconheiro que esse quadro, é assim, o que eu sempre termino e o pessoal gosta é mais. Aí quando eu digo assim: “é um macumbeiro e um maconheiro”, “porque um maconheiro?”, “Sim, mas porque o cara é um drogado, viciado...” e eu não faço apologia a maconha. É tanto que ele vai atrás do macumbeiro que trabalha com ervas medicinais e dá uma surra de urtiga no maconheiro, ele não consegue nada. Eu levo também porque a nossa ancestralidade, dos mais antigos, tem a parte da região e esse macumbeiro na verdade é Pai Quié, relacionado a um o irmão da minha avó, eu brinco muito. E tem o Baltazar que é preto também e quando eu estou no evento, eu digo que é capoeirista, eu vou jogar capoeira mais fulano, tipo mestre que está lá e aí eu começo a fazer a brincadeira, e todo mundo gosta, porque é assim eu faço improvisado na hora. Eu não sigo um texto, eu sigo



roteiro. Eu tenho um roteirozinho que é desde quando eu comecei e esse roteiro eu mudo, eu mudo a história, porque toda apresentação que eu faço, eu não faço ao pé da letra, eu saio para mexer com a plateia coloca o tema dentro, tipo: “hoje é dia do cidadão. Você tem como fazer?” “me dê alguma coisa que eu coloco aqui”. Porque tem na hora do professor, eu coloco lá como ele dando uma lição para ele e tal... e eu consigo fazer. Meio ambiente também, faz a conscientização. E é uma coisa que você sai do texto e você volta, porque o brinquedo é esse, o brinquedo que você tem a liberdade é de transitar vários temas dentro da brincadeira.

PESQUISADOR 1: Você falou um pouco aí do teu começo, que você começou a ver o mestre Chico Daniel e tal... como foi esse começo? Quanto tempo depois disso você levou pra botar a tua barraca, para montar a tua tolda... também eu queria saber se você teve exatamente um mestre, você falou do Chico Daniel, se tem um outro que você se baseou para seguir assim.

SHICÓ: Não. Na verdade, o único mestre que eu tive mesmo, foi Chico Daniel depois de morto. Tem gente até que ignora, diz: “Ah! Como é que você disse que seu mestre é Chico Daniel se você nunca nem chegou perto dele?” aí eu digo: “Sim, eu nunca cheguei perto dele, mas é a movimentação que ele usava, eu uso todas”. Até os filhos dele, que eu sempre ando com os filhos dele, diz assim: “rapaz, Shicó, você é foda. Porque eu não consigo fazer essa brincadeira da forma que meu pai fazia e você chega mais próximo”. Aí eu digo até pra eles: “Vocês são foda também, porque eu não consigo fazer a batida com a com o pau no boneco que você faz do mesmo jeito que o seu pai, mas isso aí é de sangue”. Quando começou, foi em 2006, eu entrei no teatro, e aí 2007 a gente estava ensaiando quando soube da morte do Mestre Chico Daniel. Vamos fazer uma homenagem ao Mestre Chico Daniel. Todo mundo ficou comovido quem o conhecia, eu não conhecia, eu nem sabia até o momento, eu não sabia, depois que eu vi a foto dele que eu na lembrança eu vi uma apresentação dele com 8 anos na 24 de junho, que é uma rua que tem aqui. Aí ela disse: “Vamos fazer uma brincadeira dentro da história de São João Batista. Ele vai

contar a história como se ele tivesse chegado no céu onde estava São João Batista. Alguém sabe fazer poesia?” e eu disse: “Eu sei”. Aí Daniel Reis disse também “eu sei”, Delzir Campelo também disse “eu sei”. Aí falaram: “Tem como vocês fazerem um verso agora?” Aí Daniel e Delzir disse: “Não, só amanhã quando a gente voltar para ensaiar”. E eu disse: “Não, eu faço agora”. Aí eu fiz um verso improvisado, lembrando de algumas coisas, aí ela disse: “Pronto vamos ficar com esse verso que Shicó fez agora e vocês tragam alguma coisa amanhã”. Só que quando eu peguei o verso que vim para casa, aí eu já “saquei”, já tinha tudo, juntei, levei, quando chegou lá e foi escolhido para o texto que eu fiz, porque tinha muito mais conteúdo da brincadeira. E aí quando terminou o São João em junho, dia 24, que é o dia do Santo, quando terminou, eu disse assim: “Rapaz, eu vou brincar desse negócio que eu gostei, é isso aí que eu quero para mim, o teatro que eu quero é isso aí, eu não quero teatro de gente”. Aí eu fiquei fazendo boneco, comprei madeira, que eu nem sabia que madeira era, comprei umburana, que era onde tinha aqui por perto... Aí eu disse assim: dia primeiro de outubro eu estreio” aí era uma trupe chamada *Calunguelê*, que vem de Calunga. Era 4 componentes: eu, Jobielson, Franco e Daniel Reis. Porque esses caras eram quem atuava comigo, que manipulava os bonecos, só não Daniel Reis, mas Daniel Reis fazia texto de palhaço e tal. Aí quando chegou próximo do dia da gente apresentar, que eu ia apresentar até no colégio CESA, no colégio que é particular, que Paulinho Sá Leitão que hoje é secretário de cultura me convidou. Aí justamente eu disse: “pronto, dia primeiro de outubro a gente estreia”. Aí os meninos: “Não vai dar certo não, porque a gente não vai estar com o texto na ponta da língua” e tal... não sei o que, era um texto palhaço. Aí eu comprei um DVD, justamente para fazer as cópias do DVD que me deram, e eu disse: “Vocês assistem isso aí e vamos fazer”. Aí beleza. Aí quando chegou em setembro, aí disseram assim: “não, não, não vai dar não. Vai dar não e eu não vou fazer pra passar vergonha”. O que pinotou primeiro foi Jobielson. Aí eu disse: “Não, mas isso é uma brincadeira e é no improviso. Você que faz teatro de

rua há muito mais tempo de que eu, eu comecei agora, praticamente...”, praticamente não! Eu só tinha participado 2006 em 2007, eu fiz o teste e fiquei como ator principal com ele “...e vocês fazem teatro de rua e tá com medo de que? Apois eu vou fazer sozinho. Aí no dia no dia primeiro de outubro, Franco trabalhava no posto, aí: “Shicó, de manhã eu vou com você, mas de tarde eu não vou não, porque eu tenho que trabalhar de tarde e é o meu horário de trabalho. Eu disse: “Beleza. Então vamos de manhã e de tarde eu dou um jeito”. Aí o que foi que aconteceu, ele pegava um boneco com a mão direita e o microfone com a mão esquerda. Eu também do mesmo jeito. Eu não imaginava isso, que eu tinha que usar as duas mãos e o microfone, que eu não tinha ainda o microfone pescoço, que os tradicionais usam. Hoje eu uso um Headset. É a única coisa que eu não uso igual os antigos, porque me mobiliza mais, me dá mais mobilidade. Aí quando chegou na hora, que eu caí na real que eu não ia conseguir fazer um microfone, porque não tinha como fazer, eu pegar dois bonecos e um microfone ao mesmo tempo. Aí o vigia de lá disse: “Eu seguro o microfone pra você”. Aí quando eu estava com os bonecos aqui, que falava pra um lado, aí ele ficava aqui e quando ele chega do outro lado, eu vinha pra cá e ficava naquele negócio, ele nunca acertou o microfone e eu errei as falas. Aí depois eu vou fazer só. Eu vou fazer só, pra eu não passar mais esse aperreio, eu vou fazer só. Aí de lá pra cá eu comecei a fazer só e hoje eu coloco três bonecos no pano, que é a bonequinha e mais dois bonecos. E estou querendo colocar quatro na nova brincadeira que eu estou fazendo, que é o casamento de Maria Feia. É um texto que já existe, mas que eu estou adaptando para boneco.

**PESQUISADOR 1:** Na brincadeira hoje tem exatamente três bonecos, é isso?

**SHICÓ:** Quinze. Três é que eu coloco por vez por vez.

**PESQUISADOR 1:** Você sabe falar pra gente o nome desses? Não precisa falar dos Quinze, mas assim, os principais aí desses Quinze. Porque uma das coisas que

a gente anota, a gente tem uma ficha, a gente coloca o nome dos personagens todos, de cada brincante. Você sabe falar pra gente?

SHICÓ: Posso. Tem o Capitão João Redondo que manda na brincadeira e quem toma de conta da brincadeira. Depois, é Baltazar. Aí tem Capitão João Redondo... uma coisa muito curiosa, que na minha brincadeira na de Chico Daniel, o Capitão João Redondo é pai de Baltazar, que é um negro, e João Redondo é branco. João Redondo é pai de Baltazar de criação. Ele pega Baltazar para criar, filho de Dona Inês que trabalha na fazenda dele e tem Benedito que é irmão de Baltazar que trabalha, é vaqueiro da fazenda e tem uma certa desavença entre eles dois, porque Baltazar vive dentro da casa grande como um filho adotivo e Benedito não pode entrar porque ele é um vaqueiro só, e não tem a mesma liberdade na casa grande. Aí tem João Redondo, Baltazar, Minelvina, Etelvina, o Professor Viria de Fora, tem o Padre, Dona Ambrosina, que é a “véia do dente só”, o Caboco da Maiada, que é o macumbeiro, tem o Boy Malandro, que é o maconheiro, tem João Valente, o cangaceiro, Trinchete, é o ajudante de cangaceiro, aí tem Muchilete, o delegado...

PESQUISADOR 1: E você tem uma cobra muito grande né que eu lembro que a sua cobra barraca toda a mecha barraca vai para lá, vai pra cá...

SHICÓ: Aqui é o Professor Viria de Fora, que na brincadeira do Chico Daniel é Doutor Pindurassaia, esse aqui é o Baltazar que presepeiro na história todinha. Isso tudo é madeira, não é papel, eu não uso massa como mestre Raul. Mestre Raul do Mamulengo usa muita massa corrida para lixar, não, é só madeira e tinta. E eu gosto dele, está muito fosco porque para as filmagens, as fotos, dá luz e aí o boneco fica igual espinhaço de pão doce, brilhando. Não gosto. Aí tem essa aqui que é a Minelvina, que é a filha do Capitão João Redondo. Tem o Capitão João Redondo que é um grande latifundiário, que acha que é rico, coronel, mas se chama Capitão. Naquele tempo os coronéis tinham títulos de capitão, era comprado como os barões. Aqui é o Boy Malandro que é o maconheiro. Tem um padre que é o Pai de Canindé que é uma homenagem ao padre daqui da nossa cidade. E esses

bonecos são os segundos, porque a primeira mala eu perdi da garupa da moto e eu não achei mais. Faz uns 8 anos que aconteceu isso. Eu coloquei na rádio, eu coloquei na internet, eu coloquei televisão e foi uma coisa absurda assim, porque eu vim do Parati para casa com essa mala, porque eu ia esperar o carro que ia me levar para Mossoró, aí o cara passou na moto e disse: “sua mala caiu”. Quando eu voltei ao mesmo tempo, já não vi mais mala, não vi mais nada. Aqui é o Delegado Muchilete, essa cicatriz foi capitão João Valente, o cangaceiro. A história deles dois é bem interessante. Aí tem o Caboco da Maiada. Esse aqui que eu estou fazendo vai ser o pastor. Todo pastor tem a boca grande. Aí tem Ambrosina, a velha do Caboco da Maiada, que é igual a Vera Fisher, vixe em cima e vixe em baixo. Benedito, irmão de Baltazar, é vaqueiro, tem um colete igual meu. Aí tem Trincheta, é o ajudante de capitão João Valente que está ali pendurado. Eu vou tirar ele.

PESQUISADOR 2: Aproveitando que você está mostrando os bonecos, eu queria aqui saber se você, antes da brincadeira do mamulengo, você já esculpia, tinha algum trabalho é nas artes plásticas ou se quando você começou a brincadeira de mamulengo você teve algum mestre na escultura. Eu sei que você fala muito seu pai, seu Antônio, em relação a escultura. Então eu queria que você falasse um pouquinho sobre é essa produção dos seus bonecos ou até da roupa também deles e como é que se dá isso.

SHICÓ: Na verdade, escultura eu comecei a fazer, eu acho, com 16 anos no programa do Jô Soares que eu vi o cara fazendo umas ferramentas de esculpir com aspa de guarda-chuva, e eu comecei a fazer. Quando eu entrei para capoeira, eu comecei a fazer quadro de movimentos de capoeira feito com essa ferramenta. Aí quando eu fui fazer esses bonecos, eu achei muito difícil, porque eu nunca tinha esculpido um boneco, comecei a fazer, e comecei a gostar e para mim é fácil de fazer hoje em dia. Mas a parte do meu pai não é pela a escultura, é mais pelo artesanato. Ele sempre fazer artesanato couro, a gente sempre fazia casa de taipa junto, fazia nó, fazia um monte de coisa. Então essa parte também da família minha

mãe, porque fazia a louça, fazia um monte de coisa. E as roupas do boneco só eu mesmo que faço. Duda da Boneca, ele diz assim: "Eu gosto do estilo de Shicó, porque ninguém copia". Porque eu que faço minha roupa de apresentação e convivo mesmo. Do jeito que você está me vendo aqui, eu vou ali na rua, me visto assim, vou comprar alguma coisa com meu chapéu; a minha marca é o chapéu, esse colete... e eu fico variando de lá para cá e hoje eu só uso o chapéu branco, porque na capoeira a farda é toda branca, então onde eu estou, o chapéu não fica tão aparente. Em outros lugares sim, sem ser da capoeira, mas quando eu vou na capoeira, o chapéu não fica tão aparente. Se eu fosse usar um chapéu de couro tradicional, daquele marrom, ia um negócio, tipo, uma tela branca com o pingo vermelho. Então aí para mim usar na capoeira e nas minhas apresentações eu faço. E sempre eu uso esses formatos de arabesco que também faz parte do cangaço e do vaqueiro, que é uma releitura, esse colete, e também uma homenagem que eu trago para o meu pai, homenagem vida. Ele foi vaqueiro trabalhou muito em fazenda e eu quero trazer isso para mim. Então tem muito a ver os meus os personagens todos tem significado para mim, não é à toa que esses personagens estão aqui: o nome, porquê... As pessoas sempre falam assim: "Shicó, eu gosto do seu trabalho, porque parece que tem alma. você fala com uma propriedade sem errar". Porque eu coloquei pessoas que já passaram por mim, ou que ainda convive comigo, nesses personagens. Então eu tenho propriedade de ir e voltar com eles, porque eu tenho uma segurança. Porque o Capitão João Redondo é meu pai, um cara ignorante, bruto. A velhinha é minha mãe; O Caboco da Maiada é minha Avó Joana; o Cangaceiro é meu irmão. O meu irmão tinha dupla personalidade: ele é o malandro, e ele é o cangaceiro João Valente. Quando era com o cangaceiro, eu tinha muita dificuldade de apresentar, porque eu me emocionava. Eu não gosto nem de falar porquê eu fico emocionado. E o Benedito é um dos meus primos, que esse é Pequeno. Essa aqui que a minha mãe, eu me baseio nela. O Padre é um padre que eu o conheci que é só o nome que é diferente,

mas é o padre Daniel. Esse boneco que é o Muchileta, ele é um mestre de capoeira e é soldado lá na cidade de Lajes, que é o delegado Erico, que ele é mestre capoeira e eu fiz para fazer uma brincadeira com a história dele.

PESQUISADOR 1: Isso é muito interessante. Eu nunca eu nunca conheci nenhum mestre até agora... eu comecei pesquisando, há uns 10 anos, lá em São Paulo, com os pernambucanos que vivem lá: Waldeck, Danilo... eu comecei lá e depois vim para cá e passei para cá. Isso que você está falando, eu queria jogar aqui é uma provocação. Você está falando a coisa da capoeira, eu não sabia que você era mestre de capoeira. Uma coisa que eu noto, eu vi o teu trabalho várias vezes lá no Clowns primeiro, 2 ou 3 vezes, e depois lá em Currais Novos, né? Todo ano... eu acho que você tem uma energia em cena, corporal, muito física, você tem um vigor físico que diferencia você muito dos outros. Aí eu queria te fazer uma provocação aqui: você acha que esse vigor, essa energia toda, ela vem da capoeira?

Shicó: Sim. Ela vem da capoeira e você trabalhar com sentido nos bonecos, e não com sentido na plateia. Quando você coloca os sentidos no boneco, ele joga diretamente a energia para a plateia e ela retorna para você. É como se você fosse um espelho que reflete e você tem uma resposta. A capoeira lhe proporciona isso, por quê? Pela musicalidade. E eu sempre antes de começar a brincadeira eu falo uma poesia ou eu falo uma música, e eu faço na hora. Tem uma hora e eu estou brincando com o Baltazar, aí na hora que João Redondo vai e volta, aí eu faço a música e sempre eu faço a música na hora. E essa energia, esse vigor, é da capoeira, mas também eu tenho que colocar aqui no boneco. Porque o boneco ele tem que ter a vida e quem tem que dar a vida ao boneco sou eu. Você não vai fazer uma brincadeira de boneco olhando pro chão, você tem que estar dirigindo. Eu estou dirigindo os dois, eu sou diretor aqui. Então automaticamente meus braços é uma coisa só meus bonecos é uma coisa só e essa energia faz parte. Se não tiver como, se eu tiver no dia que eu não esteja com essa energia, eu não consigo fazer. Já cancelei porque eu disse: “hoje eu não tenho como fazer, porque eu não consigo



chegar na voz”. Teve um dia que eu fui fazer, em Serra Talhada, no Pernambuco, e eu disse que não estava conseguindo fazer e o cara falou: “Mas você tem que apresentar senão você não ganha cachê”. Aí eu fui fazer. Eu fiz, mas não consegui. É tanto que o finado Zé Lopes, no final do dia, chegou assim: “Você como um poeta é muito bom, agora como bonequeiro você não vale nada”. Aí depois, em 2016, ele fez o ritual de passagem para bonequeiro lá no dia do evento que nem precisava. Assim, ela faz parte, esse vigor faz parte de mim, da capoeira... o brinquedo tradicional, brinquedo popular, ele tem isso. Você vê isso Cavalão-Marinho, você vê isso no Boi de Reis. Eu já brinquei Boi de Reis, o boi lá de Natal. O cavalo-marinho tem isso, o maracatu tem isso, o Coco tem isso. E o boneco não é diferente. E quando você vê uma pessoa que tem uma sombra, é porque ele não se joga, eu acho que ele não tem a raiz tradicional. Ele está fazendo ali porque está querendo ganhar o dinheiro ou querendo ganhar um espaço, que no subconsciente dele, ele não tem. Uma coisa também é você não tem medo de errar. Quando você tem medo de errar, você já coloca um obstáculo, porque o erro é um acerto também. Dentro da brincadeira do boneco, o erro é mais engraçado do que você seguir um texto. E o boneco, praticamente, na figura, quanto mais feio, mais bonito fica. Qualquer boneco feio ele tira a graça. E meus bonecos, por incrível que pareça, eles são até bonito. Mas pela forma, e cada um faço uma fala diferente, aí fica engraçado. Esse aqui ele representa também o meu irmão, que é o João Valente. Esse aqui, esse professor, você não adivinha quem ele representa, Carlos Eduardo: seu avô Chico. Ele sempre dizia: “Os meninos são tudo ‘inteligente’” (não era “inteligente” não, é ‘inteligente’). Aí a gente falava alguma coisa e ele sempre queria corrigir, queria fazer as coisas. Esse aqui meu pai. Esse aqui sou eu mesmo, de tirador de onda, de fazer cuia, de fazer improviso com o povo. Essa aqui é a minha avó, por ser uma figura masculina, mas tudo que eu faço com ele é o que eu já a vi fazer e o convívio também que era metida a pajelança, esse negócio que a gente estava doente e ela pegava o cachimbo batendo na barriga da gente, jogava fumaça debaixo do lençol...



Esses bonecos que eu estou fazendo agora, eles ainda não... o pastor aqui já tem uma figura que é do meu convívio. Aí tem o Boi Alazão, que esse boi aqui é um boi que quando eu morava mais meu pai na fazenda de Ciço de Pade, esse boi deu uma chifrada no olho da menina do vaqueiro e aí eu peguei e fiz um boi. Então assim todos têm, só não a cobra. A cobra porque eu lembro da história de Chico Daniel que tinha uma cobrinha coral bem fininha, que era com dois cipózinhos. Aí eu fiz a primeira cobra, que era a cabeça de madeira e o corpo de tecido, aí foi que eu perdi a mala. Aí eu encontrei essa aqui nas Lojas Americanas. Aqui essa é a única artificial.

PESQUISADOR 1: Uma outra coisa. Você hoje em dia, não agora na pandemia, no tempo normal, onde é que você se apresenta, quais os lugares, em geral, que você mais se apresenta? Queria te perguntar também quanto tempo, mais ou menos, leva sua brincadeira?

SHICÓ: A minha brincadeira leva em torno de 1 hora e 20 minutos à 1 hora e 30 minutos, se eu colocar todos os quadros e dependendo da plateia também. O público influi muito, porque você interage com o público e às vezes um quadro que é de 20 minutos vai 40 minutos com uma interação com o pessoal transitando no meio da brincadeira. E eu costumo apresentar no Cine Teatro aqui em Assú, nas praças quando tem alguma feira, em Mossoró na Festa Junina, em Ipanguaçu, em Currais Novos sempre, em Natal no ponto de cultura em que eu fazia parte, que era o *Asas e Traquinagem*. Acabou porque João Maria Pinheiro, que era o Zé da Sorte, morreu. Aí o grupo saiu do espaço, mas sempre eu estou indo para evento de capoeira lá e eu apresento. Em janeiro eu já tenho um em Graçandu e eu vou participar. E tem um em janeiro também, que é em Cabo de Santo Agostinho, em Pernambuco. Aí é assim aqui, apresento mais na rua e no Cine Teatro.

PESQUISADOR 1: E a com relação a pandemia? Isso dificultou, como é que foi para você estar trabalhando na pandemia, você participou de brincadeiras pela internet ou não...

SHICÓ: Sim. Com esse projeto da Lei Aldir Blanc que foi aprovado, eu aprovei um projeto de apresentação online, eu fiz até no Facebook. E teve o Festival Calungada, em Mossoró, foi transmitido pela TCM. Foram as únicas apresentações que eu fiz na pandemia. E aí nessa coisa da pandemia, a arte popular não sai, e você tem que trabalhar, aí a única coisa que está assim me dando um trocado é a tatuagem. Eu sou tatuador também.

PESQUISADOR 1: Uma outra coisa que eu gosto de registrar é: qual é a estrutura que você usa para montar, o que você precisa de estrutura? Quer dizer, você leva, por exemplo, a mala com os bonecos... como é que você leva essa estrutura? Agora há pouco você falou de uma moto. Você consegue levar tudo em moto, você leva em um carro, como é que funciona?

SHICÓ: Consigo. Consigo porque eu fiz a minha estrutura é retrátil, como vara de pescar. Como luneta. E eu que faço, eu compro material e eu mesmo faço. Aí ela se abre igual como as de antigamente, só que ela é de metalon com alumínio, para ficar maneiro para viajar em avião, porque a de madeira é muito pesada. Eu tive que deixar uma em Minas Gerais por causa disso. E aí tem o pano também, meu pano é personalizado, que é do jeito que é o meu colete é o pano. Eu sempre uso uma cor neutra pra não atrapalhar os bonecos, porque eles somem. Como sou cenógrafo, aí eu tenho esses toques. É um couro ecológico. Tem os buraquinhos que a gente está aqui apresentando e aí você vê a pessoa lá e aí você vai mexendo com o público.

PESQUISADOR 2: Uma pergunta que eu queria fazer. Você já foi até para fora do país. você chegou a apresentar os seus bonecos na Alemanha? E como é que foi essa recepção lá, se apresentou?

SHICÓ: Na verdade, eu não apresentei os meus bonecos. Eu apresentei uma peça que eu fazia parte e que eu fiz a direção de movimento, e eu era manipulador também. E era *Baltazar, terrível tragédia de João Redondo e João Valente*, e esses meus personagens entraram. O cara só fez um texto, que é Romualdo Lisboa, lá

da Bahia, ele fez um texto e colocou meus bonecos, baseado na história do livro *O Reinaldo de Baltazar*, que é o livro de Chico Daniel, foi escrito por Deífilo Gurgel.

PESQUISADOR 2: Uma outra pergunta é relacionada a nossa cidade. Muita gente lhe conhece, quando diz assim: “Brincadeira de João Redondo, de Mamulengo, brincadeira de bonecos”. Sempre vem Shicó, mas como é que a cidade recebe sua brincadeira, como é que a cultura assuense enxerga sua brincadeira e o que você faz para essa brincadeira ganhar força e se expandir região da cidade do Assú.

SHICÓ: Na verdade a população da cidade ela tem uma receptividade muito grande, muito boa, para esse tipo de folguedo. Ela só enfraquece, porque não tem o apoio e a fomentação cultural dentro dos órgãos, dos gestores de cultura e as pessoas que estão à frente de secretarias e cargos e não faz nada. Mas a minha cidade me recebe muito bem. A minha cidade é uma cidade que ela pode muito bem absorver cultura popular tradicional, só é colocar. Faça igual a história que mestre Ariano Suassuna, digo mestre Ariano Suassuna porque tenho ele como mestre. ele falou: “Se você der osso pra o cachorro, ele vai comer osso. Mas se você der carne, ele vai comer carne”. Então essa história de dizer assim “cachorro só come osso. Vou dar osso pra o cachorro comer”, isso é mentira! Então o governo, os governantes, eles dão osso e as pessoas comem osso porque só tem osso. Mas se der carne, eles comem carne. Então se você colocar ali uma a lei de incentivo, fomentação de cultura popular tradicional do Vale do Açu, para dentro do município, e trabalhar nisso com os mestres que tem aqui, seria fortalecido muito bem e seria abraçado de muito bom grado. Só que não tem isso e eu sou um militante cultural, sou um militante de tradição, eu digo isso com convicção. Eu tenho orgulho de ser chato, eu tenho orgulho de ser besta, arrogante, o cara que é muito detalhista e o cara que só quer ser bem visto. Lógico! Eu sou o único cara que tô dentro da cidade fazendo um papel de escudo, protegendo, defendendo, e ninguém vê isso com os bons olhos. Acha que é porque quer aparecer. Não! É

porque eu tenho um zelo pelo que eu faço, tenho um zelo pela tradição cultural e oral, que essa tradição dos bonecos é uma tradição tradicional cultural e oral, porque muitas coisas passam cordel, glosa, poemas dentro do João Redondo. E histórias do convívio da gente. Então eu tenho que ser um zelador, eu tenho que ser um vigilante cultural.

PESQUISADOR 1: Só pra gente registrar aí direitinho, esse trabalho que você apresentou na Alemanha foi com um grupo da Bahia que te convidaram?

SHICÓ: É. É eu passei 2 anos na Bahia, em Ilhéus, no grupo TPI, que é o Teatro Popular de Ilhéus.

PESQUISADOR 1: Você lembra o nome da cidade, ou das cidades, em que você apresentou na Alemanha?

SHICÓ: Foi em Frankfurt.

PESQUISADOR 1: Eu vou emendar essa pergunta que o Eduardo fez, que é o seguinte. Olha que coisa engraçada, eu conheci o seu nome de ver as peças do Gabriel Vilela lá em São Paulo, quando eu morava lá, enfim. Mais de uma, inclusive, que seu nome estava no programa quando a gente recebe aquele programinha, aquela do *Amadeus*, por exemplo, eu me lembro que ela era com o Elias Andreato. Celso Frateschi fez *A Tempestade*, do Shakespeare... eu já tinha ouvido falar de você por aí. Lógico que Shicó do Mamulengo só podia ser uma pessoa que trabalhasse com boneco popular do Nordeste. E jamais eu imaginava que eu viria para cá, como também jamais imaginava que você era daqui. Passei no concurso, eu vim para cá em 2016, aí de repente eu fui num festival do Clowns, *O Mundo Inteiro É um Palco*. Resumindo, você tem essa passagem com o Gabriel Vilela e com trabalhos que você faz que você mesmo já falou de cenógrafo, aderecista, figurinista. Eu queria que você falasse mais sobre isso, como é que o Gabriel Vilela te achou, outros diretores que você tenha trabalhado, como é que foi esse trabalho com esse teatro em São Paulo, Rio e em outros lugares aí?

SHICÓ: Justamente, tudo começou com a capoeira e até hoje é eu digo que a capoeira me deu coisas que outras coisas não me... eu nem sei dizer se ainda, porque primeiro eu entrei no teatro através da capoeira, porque a capoeira que eu treinava, eu fazia parte do grupo de acrobacia para fazer apresentações e meu mestre fazia parte do teatro. Ele quebrou a perna, fratura exposta em 3 lugares na perna. Aí disse assim: “Só tem uma pessoa pode substituir que trabalha com Mestre, que é Shicó. Manda chamar ele para substituir”, porque não queria chamar outra pessoa de outra cidade. Eu disse: “não vou não, porque eu tenho vergonha”. Aí o contramestre, que era na época meu parceiro de treino, diz assim: (inaudível). Nesse de 2007, ajudei no cenário e fiz algumas coisas de figurino. E em 2008, João Marcelino fez um trabalho, eu fiz adereço, ajudei no cenário também. Em 2009, veio Rafael Teles, que é o produtor dos Clowns de Shakespeare, fazer o Alto de São João. Aí me viu fazendo um negócio e tal, e disse assim: “Rapaz, tu não quer ir para Natal fazer um trabalho com os Clowns não? Eu disse: “Quero”. Ele disse: “Pronto, eu vou entrar em contato com você”. Aí teve uma peça chamada *O Capitão e a Sereia*, do grupo Clowns de Shakespeare. Aí eles me chamaram pra fazer adereço, aí eu fui fazer endereço. Aí eu fiz a barca, fiz um colete, fiz o cenário, fiz um monte de coisa que eu nem me lembro mais era... botei um barco pra andar, foi muita coisa assim interessante. Aí ele disse: “Tem um projeto para 2010 que é *Ricardo III* e aí a gente vai contar com você. Você topa?” eu disse: “Topo”. Aí eu estava numa peça, até com Delzir Campelo, eu até falei com Delzir Campelo. Estava aqui na peça e aí ligam para mim e diz assim: “Aqui é Gabriel Vilela, vou estar em Natal e eu queria que você estivesse presente, porque o pessoal está com um projeto e me falaram de você”. Gabriel Vilela, Gabriel Vilela... aí Delzir, o cara do grupo de teatro aqui, ele fala assim: “Rapaz, Gabriel é um dos grandes diretores de teatro de São Paulo, você não pode perder essa oportunidade não”. Aí Rafael liga para mim: “venha pra cá, a gente vai se encontrar com Gabriel” e tal. Aí em 2010 isso. quando cheguei lá em 2010, aí se encontra e pergunta como é e tal, e diz assim: “Você vai

ficar, tem isso aqui”. Começou a fazer uns rascunhos. Aí ele pegou, saiu, e comprou um forro de sela de vaquejada, trouxe uns chapéus asiáticos, aquele chapéu vietnamita, que é feito de folhas de bananeira, como se fosse cilindro. Aí disse assim: “Faça um colete disso aí, uma armadura de couro”. Aí eu fiquei olhando, aí ele disse assim: “Você faz?”. Aí eu disse: “Faço!”. Não sabia como, mas eu disse faço. Aí ele saiu, quando voltou, estava o colete pronto. Todo costurado. Ele disse assim: “você tem que usar esse material aí pra fazer um colete”. Eu peguei as palhas, fiz os peitos, os talos que tinham por dentro eu fiz fazendo a proteção e as costelas e a parte do peitoral. Aí levou, botou lá em César Ferrário, aí olhou, tirou as fotos e ficou olhando. Aí depois eu lhe disse que ficou muito lindo, ficou bonito demais. “Você quer trabalhar comigo em São Paulo?” Eu disse: “Quero, vou na hora”. Eu já tinha ido em 2005 para a casa da minha irmã, já, mais ou menos, sabia como era São Paulo. Em 2011 ele fez *A Crônica da Casa Assassinada*, eu não pude ir, porque ele já estava com o pessoal lá. E eu fui em 2012 para fazer *Macbeth* que era com Marcello Antony, que foi até indicado ao Prêmio Shell. O *Macbeth* não ganhou, quem ganhou foi o *Ilustre Molière*, com outro diretor. Era figurino e música. Aí eu fiz o *Macbeth, Hécuba...* minto! Primeiro foi *Hécuba* e depois foi *Macbeth*. Aí eu fiz no Rio, com Luana Piovani, *Mania de Explicação*, fiz *Um Réquiem Para Antônio* que foi com Elias Andreato e Cláudio Fontana. Aí fiz *Gigantes da Montanha*, do grupo Galpão. Figurino, adereços, uma parte do cenário, fiz uma direção de arte também. Aí fiz o *Peer Gynt*, de Ibsen, e *A Tempestade*. O último foi o *Peer Gynt* que eu não fui mais para São Paulo. E pronto. Aí de 2011 até 2016, fiquei em São Paulo. Aí fiz com os Clowns, *Hamlet*. Aí em 2018, eu fui para a Bahia fazer um trabalho com o Romualdo Lisboa, o diretor. Vim trabalhar e ele disse: “você não quer vir morar aqui não? Passar uma temporada com a gente?”. Eu disse: “Venho”. Fui para lá e fiquei 2 anos trabalhando como aderecista, como cenógrafo, cenotécnico, figurinista e ator. Aí fiz um trabalho para Paulo Atto que é um diretor de Salvador, que ele fez até *A Travessia do Grão Profundo*, agora aí eu fiz o figurino e adereços

para o menino. Vim embora para cá, montei um estúdio de tatuagem, que já atuava muito antes de entrar no teatro e aí eu abandonei a tatuagem. E agora voltei de novo e com os bonecos estou querendo, estou querendo não! Vou fazer um grupo Coco de Pilão.

PESQUISADOR 1: Pra gente encerrar agora, tem uma coisa que a gente observa muito, que a gente reflete muito, que são as mudanças nos últimos 10 ou 5 anos, especialmente, em relação à brincadeira, em relação a esses assuntos aí que tem agora sido, graças a Deus, tem mudado a mentalidade das pessoas. Em relação à homofobia, machismo, e, principalmente, o preconceito racial. Então como é que você vê isso, como é que você retrata isso na sua brincadeira, como é que isso se reflete na sua brincadeira em relação a representação do papel dos personagens negros, em relação à mulher, como é que você lida com essas questões?

SHICÓ: Teve até uma discussão a respeito do personagem negro dentro da cultura popular no geral, como o Birico, dentro da brincadeira do Boi de Reis. O Mateus que pinta o rosto de preto. Só que muita gente fala a respeito disso, “mas por que pintar o rosto de preto se você é branco? Você está fazendo uma leitura de um negro na pele de um branco e você está denegrindo a imagem daquele negro”. Não cara, preste atenção. Ele está sendo representado como negro porquê... aí eles dizem assim: “não, mas não tem ator negro, não tem pessoas que não faça o mesmo papel que ele?” Tem certos momentos que a pessoa é uma pessoa mais velha, já vem de tradição. A brincadeira ela retrata o negro esperto, porque toda brincadeira popular o negro é esperto. O Baltazar é o esperto, ele não deixa ser manipulado pelo Capitão João Redondo, ele não deixa de ser manipulado pelo delegado. Ele não vai lá e aceita o que o Padre fala para ele. Igual ao João Grilo, o Pedro Quengo, Cancão de Fogo, Pedro Malazarte, Camonge... tudo esses personagens estão dentro das brincadeiras populares com nomes diferentes, que é o Baltazar, o Benedito, o Caroca. Então as pessoas tem que ver que a gente



estava apresentando negros que era safo, que era inteligente, está mostrando a inteligência do negro. Automaticamente quando a pessoa diz que um branco está tomando o lugar de um negro, ele não é inteligente, ele não está sendo inteligente, porque a maioria das vezes tem um branco ali sim, mas tem um negro na mesma peça, mas o negro não consegue fazer a brincadeira da mesma forma que o cara já faz há 10 anos. É a mesma coisa que querer colocar um cilindro dentro de um triângulo, não tem como. E o mesmo negro, o Baltazar, brinca muito. E essa coisa de homofobia, eu nunca fiz. Essa coisa de tirar onda com homossexual ou mulher, eu nunca brinquei, nunca tirei nem brincadeira com isso, porque eu apresentava dentro da igreja depois da novena. Eu apresentei várias vezes dentro do altar da igreja. E olha que o brinquedo de João Redondo ele é muito sarcástico, ele é muito malicioso. Mas você sabe onde pisa. “Em terra alheia, pisa no chão devagar”, como fala o Mestre Ambrósio. Então se você quer ter respeito, você tem que impor respeito e ser respeitado, e ao mesmo tempo respeitar as pessoas para que você tenha respeito também. Então eu jamais vou tirar uma brincadeira com uma pessoa que eu não conheço e que seja do gênero homossexual, que eu não vou fazer isso e que é preto, e que é negra. Tem uma parte de Baltazar que diz assim: “homi, tenha paciência que você é muito esquentado”. Aí ele mesmo fala: “por isso que eu nasci assim preto, porque passei do ponto”. Aí teve gente que vem me reclamar, mas eu estou falando do meu boneco e isso é uma coisa que reflete a mim e não a quem está na plateia. Ele está dizendo que ele é esperto e ao mesmo tempo ele quer a pergunta que ele sabe a resposta. É dessa forma que eu lido. O feminismo também, eu acho uma coisa muito importante, trabalhei com várias em São Paulo e na Bahia mesmo, namorei até com uma. E algumas coisas eu acho besteira e outras coisas eu acho que é necessário. Tem umas coisas que parece menina brincando de casinha, mas tem outras coisas que é muito sério e que o movimento feminista, quando começou, não era essas besteiras que elas falam hoje em dia, que ela só tem duas coisas que elas sabem dizer do homem: machista



e escroto. Elas não têm pensamento para chamar o cara de outra coisa, só é machista e escroto. Dois nomes que elas conseguem falar. Não tem vocabulário mais, nem para chamar o cara de outra. Mas não sou contra e até apoio ao movimento, como participei de movimentos de São Paulo com o pessoal da casa Mestre Ananias que tinha muita gente feminista lá, as meninas todas eram. Na Bahia mesmo, o grupo de capoeira que eu treinava lá, que é Mucumbu, do mestre Virgílio. Na maioria todas são feministas, todas, e eu apoio. Eu estava com ela sempre. Jamais vou maltratar as mulheres verbalmente ou fisicamente.

---

<sup>i</sup> Brincante de mamulengos natural de Assú/RN. Contramestre de capoeira pela Cordão de Ouro, cenógrafo, figurinista, ator, diretor, artista plástico, musicista e cordelista.

<sup>ii</sup> Diretor teatral e professor adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, onde atua no curso de Licenciatura em Teatro e nos Programas de Pós-Graduação PPGArC e PROFARTES. Mestre e doutor em Teatro pela Unicamp, com pós-doutorado em Artes da Cena pela mesma instituição. Como pesquisador, investiga a área de teatro brasileiro, em especial, as poéticas cômicas e as dramaturgias de matrizes populares.

<sup>iii</sup> Discente do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Ator e cordelista.